

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



O REGRESSO A CASA

Eles terão de lutar pela liberdade
ou arriscar perder tudo o que amam.

KASS MORGAN

TOP
SEL
LER

PARA JOELLE HOBEIKA, CUJA IMAGINAÇÃO DÁ VIDA
A HISTÓRIAS E CONCRETIZA SONHOS LOUCOS.

E PARA ANNIE STONE, EDITORA EXTRAORDINÁRIA.

CAPÍTULO 1

Glass

As mãos de Glass estavam pegajosas com o sangue da mãe. A constatação do que sucedera chegou lentamente, como se atravessasse uma névoa densa, como se as mãos pertencessem a outra pessoa e o sangue fizesse parte de um pesadelo. Mas as mãos eram suas. E o sangue era real.

Glass sentia a palma da mão direita a colar-se ao braço da cadeira na primeira fila da nave de transporte. E sentia que alguém lhe apertava a mão esquerda com força. Era Luke. Não a soltara desde que puxara Glass para longe do corpo da mãe, levando-a até ao seu lugar. Os dedos dele apertavam os seus com tanta força, que parecia querer canalizar a dor palpitante do corpo dela para o seu.

Glass tentou focar-se no calor da mão dele na sua. Concentrou-se na força da sua mão, na forma como não dava sinais de querer soltá-la quando a nave começou a estremecer e a inclinar-se na sua trajetória violenta em direção à Terra.

Minutos antes, Glass sentara-se ao lado da mãe, preparada para enfrentar com ela o novo mundo. Mas a mãe estava morta. Fora abatida a tiro por um guarda demente, desesperado para conseguir um lugar na última nave e escapar da Colônia moribunda. Glass fechou os olhos com força, tentando impedir que a cena se desenrolasse na sua cabeça: a mãe a cair no chão em silêncio. Glass a ajoelhar-se no chão a seu lado ao vê-la gemer e engasgar-se, incapaz de fazer alguma coisa para travar a hemorragia. Glass a puxar a cabeça da mãe para o colo e a conter o choro para lhe dizer quanto a amava. Vendo a mancha escura alastrar no seu vestido enquanto a vida a abandonava. Vendo o rosto da mãe perder a expressão, imediatamente após ouvir as suas últimas palavras: «Orgulho-me de ti.»

Era impossível travar as imagens, tal como era impossível mudar a realidade. A mãe estava morta e Glass e Luke viajavam através do espaço numa nave que se despenharia na Terra a qualquer momento.

A nave de transporte estremeceu ruidosamente e abanou para um lado e para o outro. Glass mal notou. Sentiu vagamente que o cinto de segurança se cravava nas suas costelas ao passo que o corpo seguia os movimentos da nave, mas a dor da morte da mãe provocava uma dor mais profunda que a fivela de metal.

Sempre imaginara o luto como um peso. Quando pensava no assunto, pelo menos. A velha Glass nunca passara muito tempo a pensar na angústia alheia. Isso mudou quando a mãe do seu melhor amigo morreu e viu Wells a arrastar-se pela nave como se carregasse um enorme fardo invisível. Mas o que sentia naquele momento era diferente. Sentia-se corroída, oca, como se toda a emoção lhe tivesse sido arrancada. A única coisa que lhe recordava que continuava viva era a mão tranquilizante de Luke na sua.

Havia gente a pressionar-se contra Glass de todos os lados. Cada cadeira estava ocupada e havia homens, mulheres e crianças de pé em cada centímetro quadrado da cabina. Amparavam-se uns aos outros para conseguirem equilibrar-se, apesar de ninguém poder cair. Estavam demasiado apertados uns contra os outros, formando uma massa ondulante de carne e lágrimas silenciosas. Alguns sussurravam os nomes das pessoas que haviam deixado para trás enquanto outros abanavam a cabeça em desvario, recusando-se a aceitar que se tinham despedido dos seus entes queridos pela última vez.

A única pessoa que não parecia em pânico era o homem sentado imediatamente à direita de Glass, o Vice-Chanceler Rhodes. Olhava diretamente em frente, imune ao sofrimento nas caras que o rodeavam ou ignorando-o. Um lampejo de indignação sobrepôs-se momentaneamente à dor que Glass sentia. O pai de Wells, o Chanceler, teria feito tudo o que estivesse ao seu alcance para consolar os que o rodeavam. Mas nem sequer teria aceitado um lugar na última nave. Glass não estava em posição para julgar. O único motivo para ter entrado na nave era o facto de Rhodes a ter trazido e à mãe com ele quando forçou a entrada a bordo.

Um safanão intenso empurrou Glass contra a cadeira quando a nave de transporte se inclinou para um lado, alcançando um ângulo de quase 45 graus antes de se endireitar com um movimento agonizante. O choro de uma criança sobrepôs-se ao gemido coletivo. Várias pessoas gritaram quando a estrutura metálica da nave de transporte começou a deformar-se como se estivesse presa num punho gigante. Um guincho mecânico agudo alastrou pela cabina, ameaçando estourar-lhes os tímpanos e sobrepondo-se aos gritos e ao choro assustado.

Glass segurou o braço da cadeira e a mão de Luke, esperando a descarga de medo. Mas não veio. Sabia que devia ter medo, mas os acontecimentos dos dias anteriores tinham-na

deixado dormente. Era suficientemente duro ver o seu lar desmoronar-se à medida que a Colónia ficava sem oxigénio. Fora suficientemente difícil arriscar uma saída espacial louca e não autorizada para vir de Walden para Phoenix, onde ainda havia ar respirável. Parecera valer a pena tudo aquilo por que passara quando Glass, a sua mãe e Luke conseguiram entrar na nave de transporte. Mas, naquele momento, não se importaria de não ver a Terra. Seria melhor terminar tudo naquele momento do que ter de acordar todas as manhãs e recordar que a mãe partira.

Voltou-se para o lado e viu Luke a olhar fixamente em frente, com o rosto transformado numa máscara de determinação inabalável. Tentaria ser corajoso por ela? Ou o seu treino intensivo de guarda tê-lo-ia ensinado a permanecer calmo sob pressão? Merecia melhor do que aquilo. Depois de tudo aquilo por que Glass fez Luke passar, terminaria assim? Teriam escapado à morte certa na Colónia para mergulhar de cabeça em direção a outro destino igualmente aterrador? O regresso dos humanos à Terra estava programado para dali a mais um século, quando os cientistas tivessem a certeza de que a radiação deixada após o Cataclismo se dissipara. Este era um regresso a casa prematuro, um êxodo desesperado que prometia apenas incerteza.

Glass olhou pelas pequenas janelas alinhadas nas laterais da nave. Nuvens cinzentas diáfanas preenchiam cada janela. Havia naquilo uma beleza estranha, pensou, imediatamente antes de as janelas explodirem, projetando estilhaços de vidro e metal quentes pela cabina. Chamas entraram pelas janelas partidas. Os passageiros mais próximos das janelas tentaram freneticamente esquivar-se e afastar-se, mas não havia sítio para onde pudessem ir. Inclinar-se para trás, embatendo contra as pessoas que se encontravam atrás de si. O cheiro a metal queimado preencheu as narinas de Glass enquanto

outro cheiro lhe provocava vômitos... Com horror crescente, percebeu que era o cheiro a carne queimada.

Resistindo com esforço à pressão provocada pela velocidade da nave, voltou a cabeça para olhar para Luke. Por um momento, Glass não conseguiu ouvir os gemidos e o choro ou o estalar do metal. Não conseguia sentir o último fôlego da mãe. Via apenas metade do rosto de Luke, o perfil perfeito e o maxilar forte que vira na sua mente noite após noite durante aqueles meses terríveis de Reclusão, quando fora condenada a morrer no seu décimo oitavo aniversário.

Foi puxada de volta para a realidade pelo guincho de metal a raspar contra metal, o que fez vibrar os seus tímpanos, chegando ao maxilar, atravessando-lhe os ossos e atingindo o estômago. Rangeu os dentes. Viu, horrorizada e impotente, o teto a ser arrancado e levado pelo vento, como se fosse apenas tecido.

Forçou-se a olhar novamente para Luke, que fechara os olhos, segurando-lhe a mão com uma intensidade renovada.

— Amo-te — disse-lhe Glass. Mas as suas palavras foram engolidas pelos gritos que os rodeavam. De repente, com um estrondo dilacerante, a nave de transporte embateu contra a Terra e tudo ficou negro.

À distância, Glass ouviu um gemido baixo e gutural, um som repleto de mais angústia do que qualquer coisa que alguma vez tivesse ouvido. Tentou abrir os olhos, mas o menor esforço, por mais mínimo que fosse, fazia-lhe rodopiar a cabeça de forma agonizante. Desistiu e deixou-se afundar novamente na escuridão. Passaram-se alguns momentos. Ou teriam sido algumas horas? Mais uma vez, debateu-se contra o silêncio confortante, lutando para alcançar a consciência. Por um

milissegundo, não soube onde estava. Conseguia focar-se apenas na torrente de cheiros estranhos. Não soubera que era possível cheirar tantas coisas ao mesmo tempo. Havia algo que talvez recordasse dos campos solares, o seu sítio preferido para se encontrar com Luke, mas ampliado mil vezes. Era algo doce, mas não como açúcar ou perfume. Era mais intenso. Mais rico. Cada inspiração alvoroçava-lhe o cérebro ao tentar identificar a mistura caótica de cheiros. Algo picante. Metálico. A seguir, um odor familiar forçou-lhe o cérebro a focar-se. Sangue.

Abriu os olhos. Estava num local tão amplo que não conseguia ver as paredes e o teto repleto de estrelas parecia estar a quilómetros de distância. Lentamente, percebeu e a confusão cedeu lugar ao espanto. Olhava o céu. O céu real, na Terra. E estava viva. Mas o seu espanto durou apenas alguns momentos antes que um pensamento urgente lhe surgisse no cérebro, ao mesmo tempo que o pânico lhe trespassava o corpo. «Onde estava Luke?» Ficou alerta e sentou-se, ignorando a náusea e a dor que tentavam forçá-la a permanecer no chão.

— Luke! — gritou, movendo a cabeça para um lado e para o outro, esperando ver a silhueta familiar de Luke entre o aglomerado de sombras desconhecidas. — Luke! — O coro crescente de gemidos e gritos engoliu as suas palavras. «Porque não acendem as luzes?», pensou, zozna, antes de recordar que estava no chão. As estrelas não emitiam mais do que um brilho ténue e a luz da lua era suficiente apenas para permitir que Glass percebesse que os gemidos e os vultos negros pertenciam aos outros passageiros. Tinha de ser um pesadelo. A Terra não devia ser assim. Aquele sítio não justificava que ninguém morresse por ele. Voltou a chamar Luke, mas não obteve resposta.

Precisava de se levantar, mas o seu cérebro parecia não estar ligado aos músculos e sentia o corpo estranhamente

pesado, como se pesos invisíveis lhe pendessem dos membros. A gravidade ali parecia diferente, mais intensa... ou estaria ferida? Colocou a mão sobre a canela e gemeu. Tinha as pernas molhadas. Sangraria? Olhou para baixo, receando o que veria. As calças estavam rasgadas e a pele por baixo tinha arranhões feios, mas aparentemente sem outros ferimentos visíveis. Colocou as mãos no chão, «na terra», e abriu a boca de espanto. Estava sentada em água. Água que se alongava à sua frente até uma distância impossível, com uma sombra ténue de arvoredo ao longe. Pestanejou, esperando que os seus olhos se ajustassem e revelassem algo que fizesse mais sentido, mas a imagem não mudou. «Lago.» A palavra deslizou-lhe com facilidade para a mente. Estava sentada no limiar, na «margem» de um lago na Terra, um facto que lhe parecia tão surreal como a devastação que a rodeava por todos os lados. Quando olhou em redor, viu apenas horror: corpos caídos e quebrados no chão. Gente ferida chorando e implorando por auxílio. As carcaças distorcidas e fumegantes de várias naves de transporte que tinham aterrado separadas por poucos metros, com os cascos fraturados. Gente correndo para o interior dos destroços ainda em chamas e voltando a sair com figuras pesadas e imóveis sobre os ombros.

Quem a teria trazido para fora? Teria sido Luke? Onde estava ele?

Levantou-se com esforço, sentindo as pernas trémulas. Uniu os joelhos para se impedir de tombar e abriu os braços para se equilibrar. Erguia-se na água gelada, com o frio a trepar-lhe pelas pernas. Inspirou fundo e sentiu as ideias clarearem-se ligeiramente, mesmo que as pernas continuassem a tremer. Deu alguns passos cambaleantes em diante e bateu com o pé contra algumas pedras abaixo da superfície.

Glass olhou para baixo e susteve a respiração. Havia luar suficiente para perceber que a água estava tingida de um rosa

intenso. A poluição e a radiação do Cataclismo teriam feito os lagos mudarem de cor? Ou haveria uma região na Terra onde a água era naturalmente rosa? Nunca prestara grande atenção durante os seus seminários sobre a geografia terrestre, um facto de que começava a arrepender-se mais a cada segundo que passava. Mas o grito desesperado de uma figura caída no chão por perto fê-la perceber a resposta dolorosa. Não se tratava de um efeito da radiação prolongada. A água estava tingida pelo sangue.

Glass estremeceu e deu alguns passos incertos em direcção à mulher que gritara. Estava caída na margem, com a metade inferior do corpo mergulhada na água cada vez mais vermelha. Glass baixou-se e pegou-lhe na mão.

— Não se preocupe. Vai ficar bem — disse, esperando soar mais segura do que se sentia. O medo e a dor faziam a mulher arregalar os olhos.

— Viste o Thomas? — perguntou, com voz débil.

— O Thomas? — repetiu Glass, olhando para os cadáveres espalhados em redor. Precisava de encontrar Luke. A única coisa mais assustadora do que estar na Terra era pensar que Luke estaria caído algures ali, ferido e sozinho.

— O meu filho. O Thomas — disse a mulher, apertando a mão de Glass com mais força. — Estávamos em naves diferentes. A minha vizinha... — Calou-se com um gemido angustiado. — Prometeu tomar conta dele.

— Vamos encontrá-lo — disse Glass, encolhendo-se quando as unhas da mulher se cravaram na sua pele. Esperou que a primeira frase que proferira na Terra não se revelasse uma mentira. Recordou o cenário caótico de que mal conseguira escapar na nave: o amontoado de gente a tentar encher os pulmões, preenchendo o convés de lançamento, desesperados para conseguirem alcançar um dos lugares que restavam para sair da Colónia moribunda. Os pais frenéticos que se tinham

separado dos filhos. As crianças de lábios azulados dominadas pelo choque, procurando familiares que provavelmente não voltariam a ver.

Glass só conseguiu afastar-se quando a mulher gritou de dor e deixou cair a mão na água.

— Vou procurá-lo — disse, forçando a voz ao afastar-se. — Vamos encontrá-lo.

A culpa que começava a preencher-lhe o estômago era quase suficiente para a impedir de prosseguir, mas sabia que não podia parar. Não havia nada que pudesse fazer para aliviar o sofrimento daquela mulher. Não era médica como Clarke, a namorada de Wells. Nem sequer era uma pessoa sociável, como Wells ou Luke, que sabiam sempre o que dizer em cada momento. Havia uma única pessoa no planeta que conseguiria ajudar e precisava de o encontrar antes que fosse demasiado tarde.

— Sinto muito — sussurrou Glass, voltando-se novamente para a mulher, cujo rosto se contorcia com dor. — Vou voltar. Tenho de encontrar o meu... alguém.

A mulher acenou afirmativamente com o maxilar hirta, fechando os olhos com força, com as lágrimas a escaparem-lhe entre as pálpebras.

Glass forçou-se a afastar o olhar e continuou a andar. Estreitou os olhos, tentando perceber o que via à sua frente. A combinação de escuridão, tonturas, fumo e o choque de estar na Terra pareciam tornar tudo indistinto. As naves de transporte tinham aterrado na margem de um lago, espalhando pilhas de destroços fumegantes em todas as direções em que olhasse. À distância, conseguia perceber a silhueta vaga de árvores, mas estava demasiado abalada para lhes dirigir mais do que um olhar passageiro. Para que serviam árvores, ou mesmo flores, se Luke não estivesse ali para as ver com ela?

Os seus olhos moveram-se de um sobrevivente atordoado e ferido para outro. Um velho sentava-se num grande fragmento de metal da nave, apoiando a cabeça nas mãos. Um rapaz de cara ensanguentada erguia-se sozinho a poucos metros de um emaranhado de cabos faiscantes. Ignorando o perigo, olhava o céu, imóvel, como se procurasse uma forma de voltar para casa.

À sua volta, jaziam os corpos quebrados dos mortos. Gente com fantasmas de despedidas dilacerantes ainda nos lábios, gente que nem sequer conseguira vislumbrar o céu azul pelo qual tinham sacrificado tudo. Teria sido melhor para eles ficarem onde estavam, dando as suas últimas inspirações rodeados pelos amigos e familiares em vez de serem abandonados ali, completamente sozinhos.

Com passos ainda um pouco inseguros, Glass cambaleou em direção às figuras mais próximas no chão, desejando com todas as suas forças que nenhum dos rostos sem vida tivesse o queixo forte de Luke, o seu nariz estreito ou o seu cabelo louro encaracolado. Suspirou com alívio agridoce quando observou o primeiro corpo. Não era Luke. Com partes iguais de pavor e esperança, passou ao corpo seguinte. E ao seguinte. Susteve a respiração enquanto virava corpos deitados de costas ou ao mesmo tempo que afastava destroços pesados de cima deles. A cada desconhecido ensanguentado e ferido, expirou de alívio e permitiu-se acreditar que Luke poderia estar vivo.

— Sentes-te bem?

Sobressaltada, Glass virou a cabeça na direção de onde viera a voz. Um homem com um grande corte sobre o olho esquerdo olhava-a, intrigado.

— Sim, estou ótima — respondeu, automaticamente.

— De certeza? O choque pode fazer coisas estranhas ao corpo.

— Estou bem. Estou à procura... — Calou-se, incapaz de dar forma à massa de pânico e esperança no seu peito, transformando-a em palavras.

O homem acenou afirmativamente.

— Ótimo. Já procurei nesta área, mas, se encontrares sobreviventes que me tenham escapado, grita. Reunimos os feridos ali. — Apontou com um dedo a escuridão onde, à distância, Glass conseguia perceber figuras curvando-se sobre as formas imóveis no chão.

— Está uma mulher perto da água. Acho que está ferida.

— Está bem. Vamos buscá-la.

Fez um gesto a alguém que Glass não conseguiu ver e afastou-se num passo de corrida cambaleante. Sentiu uma estranha vontade de o chamar, de lhe dizer que era melhor procurar antes o desaparecido Thomas. Teve a certeza de que a mulher preferiria esvair-se em sangue na água a viver na Terra sem a única pessoa que dava sentido à sua vida. Mas o homem já se afastara.

Glass inspirou fundo e forçou-se a seguir em frente, mas os seus pés já não pareciam ligados ao cérebro. Se Luke estivesse incólume, não o teria já encontrado? O facto de não ter ouvido a sua voz grave chamando-a entre o ruído significaria, na melhor das hipóteses, que estaria caído algures, demasiado ferido para se mover. Na pior das hipóteses...

Glass tentou resistir aos pensamentos sinistros, mas era como tentar empurrar uma sombra. Nada conseguiria impedir a escuridão de lhe invadir a mente. Seria de uma crueldade inimaginável perder Luke meras horas após a sua reunião. Não conseguiria voltar a passar por aquilo, não depois do que acontecera à sua mãe. Não. Contendo o choro, colocou-se em bicos de pés e olhou em redor. Havia mais luz. Alguns sobreviventes tinham usado os pedaços em chamas da nave de transporte para improvisar archotes, mas a luz trémula e débil

era pouco confortante. Para onde quer que olhasse, Glass via vislumbres de corpos destroçados e de caras em pânico a emergir das sombras.

As árvores estavam mais próximas. Conseguia ver a casca que cobria os troncos, os ramos torcidos, as folhas que formavam a copa. Depois de passar a vida inteira a olhar para uma árvore solitária, era surpreendente ver tantas juntas. Era como dobrar a esquina e encontrar uma dúzia de clones do melhor amigo.

Glass virou-se para observar uma árvore particularmente grande e abriu a boca de espanto. Um rapaz de cabelo encaracolado estava encostado ao tronco.

Um rapaz com farda de guarda.

— Luke! — gritou, começando a correr com dificuldade. Quando se aproximou, viu que o rapaz tinha os olhos fechados. Estaria inconsciente ou... — Luke! — voltou a gritar antes que o pensamento conseguisse consubstanciar-se.

Glass sentiu os membros simultaneamente entorpecidos e eletrizados, como se fosse um cadáver reanimado. Tentou acelerar, mas o chão parecia puxá-la para baixo. Mesmo a uma dúzia de metros de distância, percebeu que era Luke. Tinha os olhos fechados e o corpo inerte, mas respirava. «Estava vivo.»

Glass caiu de joelhos a seu lado e resistiu à tentação de se atirar sobre ele. Não queria magoá-lo mais ainda.

— Luke — sussurrou. — Ouves-me?

Estava pálido, tinha um corte profundo sobre o olho, e sangrava pelo nariz. Glass puxou a manga sobre a mão e pressionou-a sobre o corte. Luke gemeu ligeiramente, mas não se moveu. Glass pressionou um pouco mais, esperando estancar a hemorragia e baixou o olhar para lhe ver o resto do corpo. Tinha o punho esquerdo roxo e inchado, mas, além disso, parecia bem. Lágrimas de alívio e gratidão surgiram

nos olhos de Glass, que as deixou deslizar pelo rosto. Após alguns minutos, afastou a manga e voltou a examinar o corte. Pareceu-lhe que deixara de sangrar.

Colocou-lhe uma mão sobre o peito.

— Luke — disse, delicadamente. Passou-lhe os dedos levemente sobre a clavícula. — Luke, sou eu. Acorda.

Luke mexeu-se quando ouviu a sua voz e Glass reagiu com um ruído que misturava gargalhada e choro. Ouviu-o gemer, com as pálpebras abrindo-se e voltando a fechar-se.

— Luke, acorda — repetiu Glass, aproximando-lhe a boca da orelha, tal como costumava fazer nas manhãs em que corria o risco de chegar atrasado ao trabalho. — Vais chegar atrasado — disse-lhe com um pequeno sorriso.

Luke voltou a abrir os olhos, lentamente, e fixou-os nela. Tentou falar, mas não conseguiu produzir qualquer som. Em vez disso, retribuiu-lhe o sorriso.

— Olá — disse-lhe Glass, sentindo o medo e a mágoa afastarem-se por um momento. — Está tudo bem. Estás bem. Estamos aqui, Luke. Conseguimos. Bem-vindo à Terra.

CAPÍTULO 2

Wells

Pareces exausto — disse-lhe Sasha, inclinando a cabeça para um lado e cobrindo o ombro com o longo cabelo preto. — Porque não vais dormir?

— Prefiro estar aqui contigo. — Wells suprimiu um bocejo, transformando-o num sorriso. Não era difícil. De cada vez que olhava para Sasha, reparava em alguma coisa que o fazia sorrir. A forma como os seus olhos verdes refletiam a luz trémula da fogueira. A forma como as sardas nas suas maçãs do rosto salientes conseguiam fasciná-lo tanto como as constelações noturnas a fascinavam a ela. Olhava-as naquele momento, apontando o queixo para cima enquanto observava o céu, maravilhada.

— Custa-me acreditar que viveste ali — disse, em voz baixa, antes de encarar Wells. — Tens saudades? De estar rodeado por estrelas?

— Aqui em baixo é ainda mais bonito. — Ergueu a mão, encostando um dedo à cara de Sasha e movendo-o de sarda

em sarda. — Podia passar a noite toda a olhar para a tua cara. Não faria isso com a Ursa Maior.

— Ficaria surpreendida se aguentasses mais de cinco minutos. Mal consegues manter os olhos abertos.

— Foi um dia longo.

Sasha arqueou uma sobrancelha e Wells sorriu. Ambos sabiam que era um eufemismo. Durante as horas anteriores, Wells fora expulso do acampamento por ajudar Sasha, que fora prisioneira dos 100, a fugir. Aconteceu antes de encontrar Clarke e Bellamy, que tinham acabado de resgatar Octavia, a irmã de Bellamy, provando assim que os terrestres, a gente de Sasha, não eram o inimigo que tinham aparentado ser. Isso era muita coisa para explicar aos outros residentes do acampamento e a maioria deles continuava a ver Sasha com desconfiança, mas tratava-se apenas do início. Nessa noite, Bellamy e Wells tinham feito uma descoberta chocante. Ainda que Wells, o filho do Chanceler, tivesse tido uma infância privilegiada em Phoenix, enquanto Bellamy, um órfão, sobrevivera com dificuldade em Walden, eram meios-irmãos.

Era demasiado para processar. E, mesmo que Wells se sentisse maioritariamente feliz com a descoberta, o choque e a confusão impediam-no de interiorizar por completo a realidade. Isso e o facto de não dormir uma noite inteira há demasiado tempo. Durante as semanas anteriores, passara a ser visto como o líder do acampamento. Não era uma posição que tivesse procurado, mas o seu treino de oficial combinado com o fascínio que sempre tivera pela Terra conferiam-lhe um determinado conjunto de talentos. No entanto, mesmo ficando grato por poder ajudar e pela confiança do grupo, a posição trazia consigo uma enorme responsabilidade.

— Talvez descanse um pouco — disse, pousando os cotovelos no chão e deitando-se para poder apoiar a cabeça no colo de Sasha. Mesmo estando sentados longe do resto do grupo

reunido à volta da fogueira, o crepitar das chamas não abafava por completo o som das típicas discussões noturnas. Era uma questão de tempo até alguém se aproximar para se queixar de que outra pessoa ocupara a sua enxerga ou para pedir a Wells que resolvesse uma discussão acerca dos turnos para ir buscar água ou do que deveriam fazer com as sobras da caçada desse dia.

Wells suspirou enquanto Sasha passava os dedos pelo seu cabelo e, por um momento, esqueceu tudo além do calor da pele dela, deixando a cabeça repousar sobre o seu colo. Esqueceu a semana terrível que tinham tido, a violência que haviam testemunhado. Esqueceu o cadáver da sua amiga Priya. Esqueceu que o seu pai fora alvejado diante dos seus olhos durante o confronto com um Bellamy desesperado para chegar à nave de transporte para se reunir à irmã. Esqueceu o fogo que destruíra o seu acampamento original, matando Thalia, a amiga de Clarke, uma tragédia que destruíra o que restava da sua relação com ela.

Talvez ele e Sasha pudessem passar a noite na clareira. Seria a única forma de terem alguma privacidade. A ideia fê-lo sorrir e deixou-se sucumbir ao sono.

— Mas que raio? — A mão de Sasha parou de repente e havia um indício de ansiedade na sua voz.

— Que se passa? — perguntou Wells, abrindo os olhos de repente. — Está tudo bem?

Sentou-se e olhou rapidamente em redor. A maior parte dos 100 continuava reunida em pequenos grupos à volta da fogueira, falando em murmúrios que se fundiam num burburinho apaziguador. Mas o seu olhar encontrou Clarke e, apesar de estar aninhada junto a Bellamy, percebeu que estava concentrada noutra coisa. Mesmo que os seus sentimentos intensos e avassaladores por ela tivessem evoluído para algo semelhante a uma amizade real, continuava a conseguir ler

o que sentia como se lesse num *tablet*. Conhecia todas as suas expressões. A forma como pressionava os lábios em concentração quando estudava um procedimento médico ou o modo como os seus olhos quase brilhavam quando falava de um dos seus interesses bizarros, como de classificação biológica ou de física teórica. Naquele momento, franzia as sobrelhas com preocupação e lançava a cabeça para trás, avaliando e calculando alguma coisa no céu. A cabeça de Bellamy também estava inclinada e a sua expressão tornara-se subitamente fria. Voltou-se e segredou qualquer coisa ao ouvido de Clarke, num gesto íntimo que, outrora, teria alvoroçado o estômago de Wells, mas que, naquele momento, apenas o deixava apreensivo.

Wells olhou para cima, mas não viu nada de invulgar. Apenas estrelas. Sasha continuava a fitar o céu.

— O que foi? — perguntou Wells, pousando-lhe a mão nas costas.

— Ali. — A voz de Sasha tornou-se mais tensa ao apontar a noite no alto, muito acima da cabana da enfermaria e das árvores que cercavam a clareira. Conhecia aquele céu tão bem como Wells conhecia as estrelas de perto. Como terrestre, passara a vida inteira a olhar para cima, ao passo que ele olhava para baixo. Wells seguiu-lhe o dedo e viu. Um ponto brilhante em movimento rápido, dirigindo-se para a Terra. Dirigindo-se para eles. Imediatamente atrás, vinha outro. E mais dois. Pareciam formar uma chuva de meteoritos, mergulhando sobre o grupo pacífico à volta da fogueira.

Wells inspirou fundo enquanto todo o seu corpo ficava rígido.

— As naves de transporte — afirmou, em voz baixa. — Vêm a caminho. Todas elas. — Sentiu o corpo de Sasha ficar tenso ao lado do seu. Cobriu-lhe os ombros com um braço e puxou-a para si, à medida que viam a descida das naves em silêncio por um momento, respirando com o mesmo ritmo.

— Achas... que o teu pai virá numa delas? — perguntou Sasha, claramente tentando parecer mais esperançosa do que se sentia. Os terrestres podiam ter aceitado partilhar o planeta com cem delinquentes juvenis exilados, mas Wells sentia que receberem a população inteira da Colónia seria algo muito diferente.

Wells não disse nada enquanto a esperança e o receio lutavam pela supremacia no seu cérebro já sobrecarregado. Havia uma hipótese de o ferimento do pai não ter sido tão sério como parecera, de ter recuperado completamente e de vir a caminho da Terra. Mas também era possível que o Chanceler lutasse pela vida no centro médico ou, pior ainda, que flutuasse já, imóvel e silencioso, entre as estrelas. Que faria se o pai não desembarcasse de uma das naves? Como poderia Wells seguir em frente se soubesse que nunca poderia conquistar o perdão do Chanceler pelos crimes terríveis que cometera na Colónia?

Afastou o olhar e virou-se para observar o outro lado da fogueira. Clarke voltara-se para ele e fixaram olhares, o que preencheu Wells com uma gratidão súbita. Não precisaram de trocar uma única palavra. Clarke compreendera a sua mistura de alívio e medo. Sabia o que podia ganhar ou perder quando as portas das naves se abrissem.

— Vai ficar tão orgulhoso de ti — disse Sasha, apertando-lhe a mão.

Apesar da sua ansiedade, Wells sentiu a expressão serenar num sorriso. Sasha também percebeu. Mesmo sem ter conhecido o pai de Wells e mesmo sem nunca ter testemunhado a relação complicada que existia entre ambos, sabia como era crescer com um pai responsável pelo bem-estar de uma comunidade inteira. Ou, no caso de Wells, um pai responsável por todos os sobreviventes conhecidos da humanidade. O pai de Sasha era o líder dos terrestres, assim como o pai de Wells era o líder da Colónia. Tal como ele, Sasha

conhecia o peso dessa responsabilidade. Ela compreendia que a liderança tinha tanto de sacrifício como de honra.

Wells observou as caras exaustas e magras dos quase cem adolescentes à volta da fogueira que tinham sobrevivido às primeiras semanas traumáticas na Terra. Normalmente, ver aquilo preocupava-o, fazendo-o pensar nos alimentos e em outras provisões cada vez mais escassas. Mas, daquela vez, tudo o que sentia era alívio. Alívio e orgulho. Tinham conseguido. Contra todas as probabilidades, tinham sobrevivido. E a ajuda vinha a caminho. Mesmo que o seu pai não viesse numa das naves, haveria provisões em grande quantidade, incluindo ferramentas, medicamentos e tudo o que seria necessário para sobreviverem ao inverno que aí vinha e ao que o futuro trouxesse.

Custava-lhe esperar para ver a cara dos recém-chegados quando vissem o que os 100 tinham conseguido. Teriam certamente cometido erros durante o percurso e houvera perdas terríveis (Asher, Priya e quase Octavia), mas também tinham conseguido triunfos.

Wells virou a cabeça e viu que Sasha o olhava fixamente, parecendo preocupada. Sorriu, e, antes que Sasha tivesse tempo de reagir, Wells passou-lhe os dedos pelo cabelo brilhante, aproximando os seus lábios dos dela. A princípio, pareceu surpreendida, mas descontraiu-se e retribuiu o beijo. Wells encostou a testa à dela por um momento, ordenando as ideias. A seguir, levantou-se. Chegara o momento de dizer aos outros.

Dirigiu um olhar rápido a Clarke, pedindo em silêncio a sua aprovação. Viu-a pressionar os lábios e voltar-se para Bellamy por um instante, antes de olhar novamente para Wells, acenando afirmativamente.

Wells pigarreou, conseguindo captar a atenção de poucas pessoas.

— Alguém me ouviu? — perguntou, elevando a voz para ser ouvido acima do burburinho das conversas e do crepitar das chamas.

A poucos metros de distância, Graham trocou um sorriso desdenhoso com um dos seus amigos arcadianos. Depois da aterragem, fora ele a liderar o ataque a Wells, tentando convencer os outros de que o filho do Chanceler fora enviado como espião. E, mesmo que a maior parte dos 100 se tivesse tornado leal a Wells, Graham não perdera todo o seu poder. Para uma percentagem considerável do acampamento, o medo que sentiam por Graham sobrepunha-se à confiança em Wells.

Lila, uma waldeniana bonita que gostava de Graham, segredou-lhe alguma coisa, soltando um risinho alto depois de ouvir a resposta igualmente sussurrada.

— Podem calar-se? — disse Octavia, erguendo a voz e fixando neles um olhar sombrio. — O Wells está a tentar falar.

Lila encarou Octavia com desagrado e murmurou alguma coisa entredentes, mas Graham pareceu apenas vagamente divertido. Talvez porque Octavia passara menos tempo no acampamento do que os outros, era dos poucos elementos do grupo que não se deixavam intimidar por Graham, estando disposta a fazer-lhe frente.

— Que se passa, Wells? — perguntou Eric. O arcadiano alto e de expressão séria, dava a mão ao seu namorado, Felix, que recuperara recentemente de uma doença misteriosa. Mesmo sendo habitualmente pouco expansivo, o alívio de Eric sobrepusera-se temporariamente à sua reserva. Wells não o viu soltar a mão de Felix durante todo o dia.

Wells sorriu. Em breve, não precisariam de se preocupar com o combate a doenças desconhecidas. Viriam médicos treinados nas naves. Médicos com mais medicamentos do que a Terra teve durante séculos.

— Conseguimos — disse Wells, incapaz de conter a excitação. — Sobrevivemos durante tempo suficiente para provar que é possível sobreviver na Terra e os outros vêm a caminho. — Apontou o céu, sorrindo.

Dezenas de cabeças ergueram-se, com as chamas trêmulas a iluminarem as suas caras. Um coro de gritos de júbilo e alguns palavrões ecoaram pela clareira, ao mesmo tempo que todos se punham de pé. As naves estavam baixas no céu, descendo rapidamente e ganhando velocidade ao aproximarem-se da Terra.

— A minha mãe vem aí! — disse uma rapariga nova chamada Molly, saltando de um lado para o outro. — Prometeu-me que viria na primeira nave.

Duas raparigas waldenianas abraçaram-se, guinchando, ao mesmo tempo que Antonio, um waldeniano habitualmente bem-disposto que se tornara silencioso nos dias anteriores, começou a murmurar para si mesmo.

— Conseguimos... Conseguimos...

— Lembrem-se do que o meu pai nos disse — disse Wells, erguendo a voz para ser ouvido acima do ruído. — Disse-nos que os nossos crimes seriam perdoados. A partir deste momento, voltamos a ser cidadãos normais. — Fez uma pausa e sorriu. — Isso não é inteiramente verdade. Não são cidadãos normais. São heróis.

Ouviram-se aplausos dispersos, mas foram rapidamente abafados por um guincho dilacerante que se ouviu de repente. Parecia vir do próprio céu e atingiu rapidamente um volume ensurdecador, forçando todos os presentes na clareira a tapar os ouvidos.

— Estão prestes a aterrar — gritou Felix.

— Onde? — perguntou uma rapariga.

Era impossível dizer, mas era claro que as naves vinham a grande velocidade, parecendo não ter controlo da sua

aproximação. Wells observou em choque, impotente, enquanto a primeira nave os sobrevoava, poucos quilômetros acima da clareira, tão baixa que partículas de destroços flamejantes chamuscaram os topos das árvores mais altas.

Wells praguejou entredentes. Se as árvores se incendiassem, não importaria quem viesse nas naves. Morreriam todos antes do amanhecer.

— Ótimo — disse Bellamy, em tom suficientemente elevado para ser ouvido sobre o ruído. — Arriscamos as nossas vidas para provar que a Terra é segura para poderem chegar aqui e pegar-lhe fogo. — Estava presente na sua voz o habitual tom despreocupado e trocista, mas Wells percebia que ele estava assustado. Ao contrário dos outros, forçara a entrada na nave de transporte e o Chanceler acabara atingido a tiro como consequência. Era impossível perceber se Bellamy seria perdoado pelos seus crimes ou se os guardas teriam ordens para o alvejar logo que o vissem.

Quando a nave passou além da clareira, Wells vislumbrou as letras no casco. *Trillion Galactic*, a empresa que construía as naves, gerações antes. Sentiu um nó no estômago quando percebeu que aquela nave voava de lado, posicionando-se num ângulo de 45 graus sobre a Terra. Que significaria isso para todos os que estavam dentro da cabina? A nave desapareceu sobre o topo das árvores mais altas, continuando a descida fora do seu campo de visão.

Wells susteve a respiração, esperando. Após um momento de tortura, viu-se um clarão muito além das árvores, seguido por chamas. Estaria pelo menos a alguns quilômetros do seu acampamento, mas parecia intenso como uma explosão solar. Um milissegundo depois, ouviram o som desfasado do despenhamento, um trovejar profundo que se sobrepôs a qualquer outro ruído. Antes que alguém pudesse processar o que tinham visto, a segunda nave passou diretamente sobre as

suas cabeças e aterrou da mesma forma catastrófica, com ainda mais luz e ruído. Seguiu-se uma terceira nave.

Cada despenhamento fez tremer o solo, um tremor que subiu pelas pernas de Wells até ao estômago. Teria sido aquilo o que acontecera quando a sua nave se despenhou? A sua aterragem também fora horrível e alguns dos passageiros tinham morrido. Os ruídos assustadores pararam abruptamente. À medida que a Terra voltava ao silêncio, viram-se chamas no céu, tingindo a escuridão ao mesmo tempo que o fumo começava a erguer-se em colunas ondulantes. Os rostos dos 100, iluminados pela luz laranja que vinha de cima, colocavam a mesma questão que se repetia infinitamente dentro da cabeça de Wells: «Alguém poderá ter sobrevivido a isto?»

— Temos de ir até eles — afirmou Eric, com firmeza, erguendo a voz para ser ouvido sobre o coro de exclamações de espanto e murmúrios nervosos.

— Como vamos conseguir encontrá-los? — perguntou Molly, tremendo. Wells sabia que ela odiava estar na floresta, sobretudo à noite.

— Parece que aterraram perto do lago — respondeu Wells, esfregando os dedos em círculos à volta das têmporas. — Mas podem estar muito mais longe. — «Se alguém tiver sobrevivido», pensou. Não precisava de o dizer em voz alta. Todos pensavam a mesma coisa. Wells voltou-se novamente para o despenhamento. As chamas que se tinham erguido sobre as árvores esmoreciam, encolhendo para a floresta. — Será melhor pormo-nos a caminho. Quando aquele fogo se extinguir, não teremos maneira de os encontrar na escuridão.

— Wells — murmurou Sasha, pousando-lhe uma mão no ombro. — Talvez seja melhor esperar até à manhã seguinte. Não é seguro lá fora.

Wells hesitou. Sasha tinha razão acerca do perigo. Havia uma fação violenta de terrestres que se revoltara contra o seu

pai e que desde então passara a deambular pela floresta entre Mount Weather e o acampamento dos 100. Tinham sido eles a raptar Octavia e a matar Asher e Priya. Mas Wells não aguentava imaginar que poderia haver colonos feridos e assustados esperando por ajuda.

— Não iremos todos — disse Wells ao grupo. — Preciso só de alguns voluntários para transportar mantimentos de emergência e conduzir toda a gente para o acampamento. Observou a clareira em redor, transformada com tão grande custo num lar. Sentiu uma pontada de orgulho.

Octavia deu alguns passos para Wells, posicionando-se no centro do círculo. Tinha apenas 14 anos, mas, ao contrário dos outros membros mais jovens do grupo, não receava falar.

— Acho que devemos deixar que encontrem o seu próprio caminho — disse, erguendo o queixo em desafio. — Ou, melhor ainda, podem ficar onde estão. Basicamente, enviarmos para aqui foi uma sentença de morte. Porque deveremos arriscar as vidas para os salvarmos? — Um murmúrio de concordância alastrou pela multidão. Octavia olhou brevemente para o irmão, talvez esperando o seu apoio. Mas, quando Wells olhou para Bellamy, viu que o seu rosto permanecia estranhamente imperscrutável.

— Estás a brincar? — perguntou Felix, olhando Octavia com desagrado. A sua voz continuava débil como resultado da doença, mas a ansiedade era notória. — Se houver uma possibilidade ínfima de os meus pais estarem ali, tenho de tentar encontrá-los. Esta noite. — Aproximou-se mais de Eric, que lhe cobriu os ombros com um braço, apertando-o.

— Eu vou com ele — disse Eric.

Wells procurou Clarke e Bellamy entre o grupo. Retribuíram-lhe o olhar e, a seguir, Clarke pegou na mão de Bellamy e vieram prontamente do exterior do círculo para o local onde Wells se erguia.

— Também devo ir — disse Clarke, em voz baixa. — Haverá gente ferida a precisar da minha ajuda.

Wells olhou para Bellamy, esperando que se opusesse ao risco. Mas ficara tenso e imóvel, fitando a escuridão além de Wells. Talvez soubesse que era inútil discutir com Clarke depois de tomar uma decisão.

— Está bem — disse Wells. — Vamos preparar-nos. A maior parte de vós deverá ficar aqui, preparando o acampamento para novas chegadas.

Clarke correu para a cabana da enfermaria para trazer medicamentos, enquanto Wells distribuía ordens para trazer água potável e cobertores.

— Eric, podes trazer comida? O que tivermos.

Quando os membros da sua equipa se afastavam para se ocuparem dos preparativos, Wells voltou-se novamente para Sasha, que continuava a seu lado, pressionando os lábios num gesto de concentração.

— Será melhor levarmos algo que possamos usar como maca — disse ela, procurando materiais úteis na clareira. — Poderá haver quem não consiga caminhar até aqui. — Dirigiu-se para a tenda das provisões, sem esperar a resposta de Wells.

Começou a correr atrás dela.

— Bem pensado — disse, igualando as suas passadas rápidas. — Mas não me parece que seja boa ideia vires connosco.

Viu-a parar abruptamente.

— Que estás para aí a dizer? Nenhum de vocês conhece o terreno tão bem como eu. Se houver alguém que consiga levar-vos até lá e trazer-vos de volta em segurança, sou eu.

Wells suspirou. Tinha razão, claro, mas pensar em Sasha perante centenas de colonos e, provavelmente, perante muitos guardas armados que não suspeitavam que os terrestres existiam assustava-o. Recordava o choque e a desorientação que sentira quando a viu pela primeira vez. Foi como se a sua

compreensão do universo tivesse sido virada do avesso. Começou por não confiar nela e o resto do seu grupo precisou de mais tempo ainda para acreditar que dizia a verdade acerca de pertencer a uma comunidade pacífica de pessoas que viviam na Terra.

Wells transferiu o peso do corpo de uma perna para a outra, fitando os olhos amendoados de Sasha, nos quais ardia uma chama desafiadora. Era bela e tudo menos frágil. Provava saber muito bem tomar conta de si própria e não precisava dele para a proteger. Mas nem toda a força e inteligência no mundo conseguiriam travar a bala de um guarda em pânico.

— Não quero que te magoes — disse, pegando-lhe na mão. — Todos eles acham que o planeta está desabitado. Não será a melhor altura para descobrirem que os terrestres existem. Não quando estão desorientados e assustados. Os guardas podem fazer alguma coisa estúpida.

— Mas vou ajudá-los — disse Sasha, com uma mistura de paciência e confusão na voz. — Será muito claro que não sou o inimigo.

Wells calou-se, pensando nas patrulhas que integrara durante o treino de oficiais. Pensando nas pessoas que vira serem presas por crimes tão menores como violação do recolher obrigatório por cinco minutos ou por terem entrado acidentalmente numa zona restrita. Sabia que fora necessário manter uma ordem rigorosa na nave, mas era difícil para os guardas abandonarem o seu mantra, que ordenava que disparassem primeiro e fizessem perguntas depois.

— O que tens de perceber acerca da minha gente...

Sasha interrompeu-o, colocando-lhe as mãos nos ombros, erguendo-se em bicos de pés e silenciando-o com um beijo.

— A tua gente passou a ser a minha gente.

— Espero que citem bem essa frase nos livros de história — disse, sorrindo.

— Pensei que quisesses ser tu a escrever esse livro. — Adotou aquilo que Wells imaginou como uma versão terrestre de um tom grandiloquente. — «Um relato na primeira pessoa do regresso do homem à Terra.» Parece-me uma excelente leitura, exceto pelo facto de haver gente que nunca se foi embora.

— É melhor que tenhas cuidado. Ou tomarei liberdades poéticas com a tua descrição.

— O quê? Vais dizer que sou horrivelmente feia? Achas que me importo?

Wells ergueu uma mão para lhe prender uma madeixa longa atrás de uma orelha.

— Vou dizer que eras tão bela que me obrigaste a fazer coisas ridículas e irrefletidas.

Viu-a sorrir e, por um momento, o cérebro de Wells foi esvaziado de tudo além da vontade de a beijar outra vez. A seguir, a fantasia foi quebrada por vozes na escuridão.

— Wells? Estamos prontos. — O cheiro acre do fumo do local do despenhamento chegara aos seus narizes, alastrando por entre as árvores.

— Está bem — disse Wells a Sasha com voz firme. — Vamos.

OS 100

O REGRESSO A CASA

Semanas depois de os 100 terem chegado à Terra, conseguiram finalmente estabelecer um pouco de ordem num ambiente inicialmente caótico e conviver de forma pacífica com alguns dos terrestres que encontraram. No entanto, novas naves chegam do espaço, abalando o equilíbrio alcançado e ameaçando a vida de todos. Chegou o momento de os 100 se unirem e lutarem para reaver a liberdade que encontraram na Terra. Caso contrário, arriscar-se-ão a perder tudo e todos os que amam... de novo.

«Esta é uma das melhores séries de sempre,
e que não vai querer perder.»

Starlight Book Reviews

Leia também os outros livros da série:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-85-5



9 789898 839855

Ficção Científica